

Degraus

ISABEL SANTA CLARA

Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira
ARTIS. Centro de Investigação do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

 10.34640/universidademadeira2023clara

Em criança, as casas que conhecia eram “seres verticais” (BACHELARD, 1961: 45)¹, levantando-se da cave ao sótão em andares sucessivos, com as suas imprescindíveis escadas, umas claras e bem lançadas, outras misteriosas e abismáticas. Gostava de desenhar degraus em folhas quadriculadas subtraídas aos deveres escolares ou em qualquer restinho de papel e descobria com estes rabiscos o poder evocador de um simples e desajeitado traço. Em *Uma exposição com pintura e tudo*, em 1990 (Imagem 1), tive oportunidade de ocupar temporariamente os quatro andares do espaço da torre da Casa-Museu Frederico de Freitas e reacenderam-se estas memórias.



Imagem 1. Capa do folheto de *Uma exposição com pintura e tudo*, 1990.

Os quatro espaços ligados por escadas tornaram possível relacionar coisas aparentemente diversas e fizeram do percurso ascensional uma forma de conjugação: no primeiro andar, “O olhar imediato” mostrava fotografias; no segundo, “O vício de enquadrar” colocava em paralelo diapositivos tirados do natural com outros fabricados, evidenciando as afinidades composicionais; no terceiro, que se coadunava mais com um

¹Gaston Bachelard sublinha, na sua topo-análise, a verticalidade da casa imaginada com esta expressão.

espaço-casa, “A pintura é feita de tudo” fazia contracenar objectos, móveis e livros-objecto com aguarelas, trabalhos a pastel e a óleo (Imagem 2); “A pintura não é tudo”, no último andar, evocava a ilha e as viagens através de quatro colagens, enquadráveis no âmbito da poesia visual, que ocupavam o intervalo das janelas, dialogando com um óculo de ver navios e malas antigas. As premissas funcionais e a configuração da torre de avista-navios, elemento tão frequente na arquitectura urbana do Funchal, pediu esta leitura/ocupação do espaço.



Imagem 2. Isabel Santa Clara, 1990. Óleo sobre tela, sem título, 65 x 100 cm.

No início do último lance de escadas, quando ainda só se via céu nas quatro janelas do cimo da torre, uma frase assinalava o momento de transição: “é deste degrau que...”. Daí para cima começava a ver-se o mar, o horizonte e, depois, o casario que nos trazia de novo à terra. Paulo Freitas, então director do Museu, escreveu no catálogo: “Portanto é sempre isto de saber viver nos espaços em que nos conformamos, inconformados [...]. Subindo a escada que nos leva ao cimo, onde as essências flutuam, inatingíveis e libertas das coisas que somos. Mas também livres de sermos iguais a nós próprios.”²

² Folheto de *Uma exposição com pintura e tudo*, 1990, Casa-Museu Frederico de Freitas. Percurso da torre. Um outro texto deste folheto, de autoria de Jorge Sumares, evocava memórias de infância deste tipo de espaços.

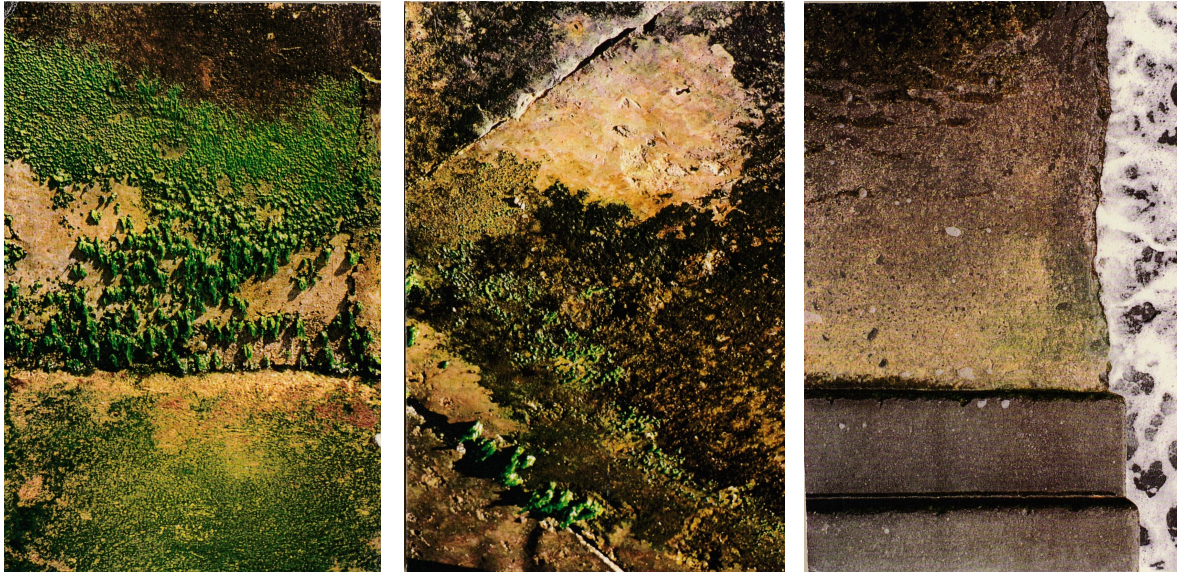
Passando a *Espaços em volta*³, em que era glosado o tema das escadas lodosas do cais, apareceu, inesperada e oportunamente, uma escada de mão de que me apropriei logo para colocar no espaço dito da capela. Aqui, pela própria configuração e história do espaço, era inevitável remeter para o tema da descida da cruz, como também para o da escada de Jacob. Os restos de pintura azul e branca desmaterializavam, de certo modo, este *objet-trouvé*, retirando-lhe o peso e a trivialidade da sua habitual serventia (Imagem 3).



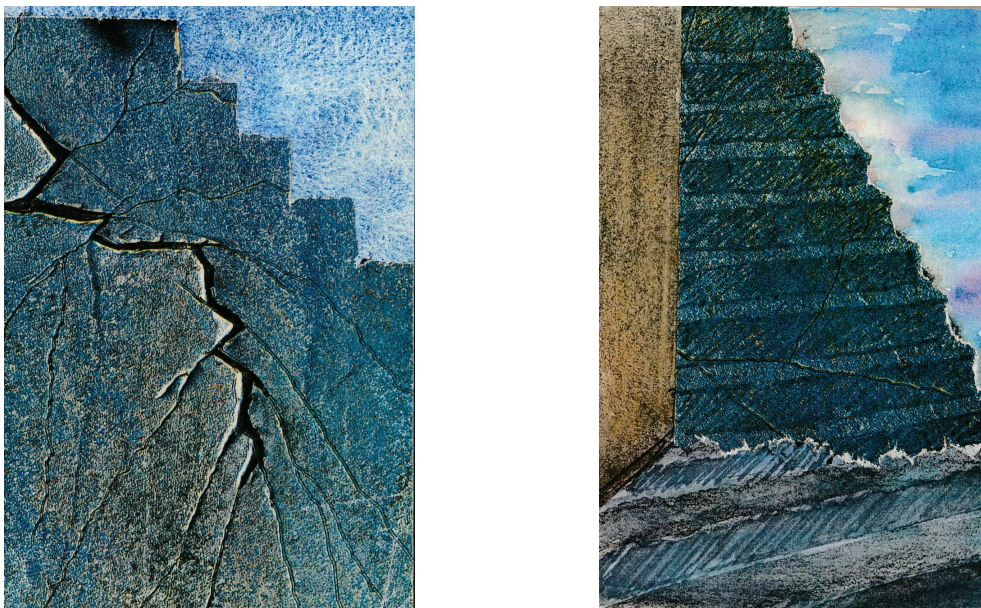
Imagem 3. Isabel Santa Clara, 1996.
Instalação na exposição *Espaços em volta*, Fortaleza de São Tiago.

³ Exposição / instalação realizada, em 1996, no Museu de Arte Contemporânea do Funchal, Fortaleza de São Tiago, em parceria com Eduardo de Freitas.

Na sala de exposição, um andar acima, estavam uma série de variações em torno de “Os degraus da água” (Imagens 4 a 9). Este facto e a existência de uma abertura emoldurada a cantaria vermelha na parede de fundo levaram a transpor para essa superfície agigantados degraus, que desapareciam por uma abertura no tecto e faziam da pequena janela mais um degrau, vazado, por onde entrava o som do mar através de uma gravação escondida (Imagem 10).



Imagens 4, 5 e 6. Isabel Santa Clara, 1995-1996. Fotografias da série “Os degraus da água”.



Imagens 7 e 8. Isabel Santa Clara, 1996.
Colagem e técnica mista sobre papel, sem título, 15x10 cm.



Imagem 9. Isabel Santa Clara, 1996, "Os degraus da água".
Óleo s/ tela, tríptico, 3 telas de 100x 65 cm.



Imagem 10. Isabel Santa Clara, 1996. Intervenção com pigmentos em pó na parede da exposição *Espaços em volta*, Fortaleza de São Tiago.

Em *Atrás do vento*⁴, outra exposição / instalação, reapareceram algumas escadas. Uma retomava a obliquidade da escada presentificada e instalada em *Espaços em volta*, lançando-se pelo céu fora com destino incerto (Imagem 11). Outra, bem mais terrestre, era derivada das instáveis escadas de mão que se encostam aos muros dos poios⁵ (Imagem 12).

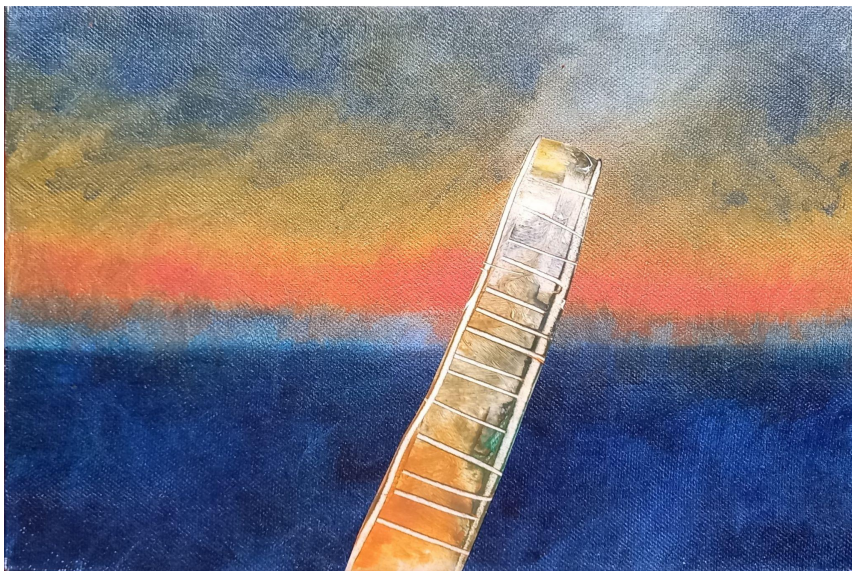


Imagem 11. Isabel Santa Clara, 2000, "Uma arte da fuga". Óleo e colagem sobre tela, 20,5x35 cm.

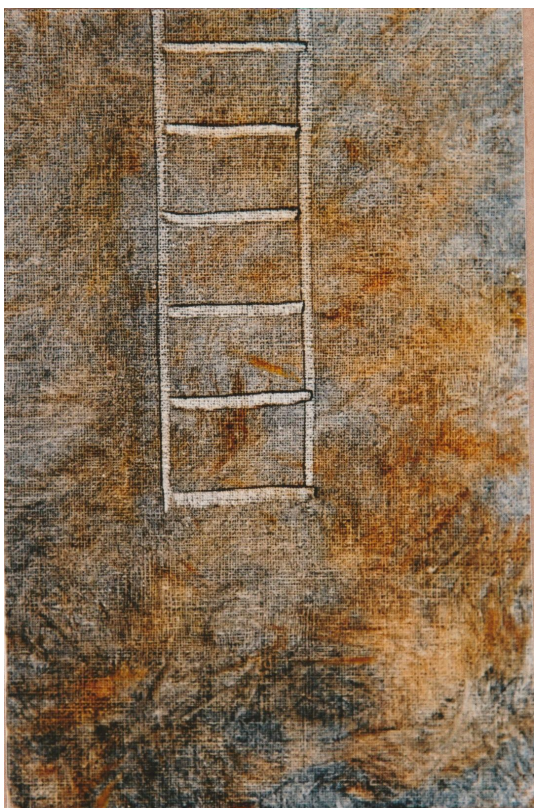


Imagem 12. Isabel Santa Clara, 2000, da série "Lugares discretos em formato postal", óleo sobre papel, 18x 13cm.

⁴ Exposição / instalação na Galeria Edicarte, 2000, Funchal.

⁵ Termo usado na Madeira para designar os socalcos cultivados nas encostas dos montes e montanhas da ilha.

Veio depois um desafio para fazer um vitral para a pequena janela junto ao tecto de uma sala, que funciona como capela, no piso inferior da Igreja da Nazaré, no Funchal. Em vez de vitral, até porque a janela dava para um corredor, optei por um objecto em acrílico transparente, uma escada inclinada e com acentuado efeito de perspectiva (Imagem 13). O motivo iconográfico prende-se, formalmente, com anteriores trabalhos (Imagens 3 e 11) e conceptualmente relaciona-se com temáticas religiosas como a escada de Jacob, ligando o céu e a terra numa ascensão gradual, num convite à elevação espiritual; prende-se também, já com outra carga simbólica, com as representações da Descida da Cruz, remetendo assim para a ideia de morte e de ressurreição⁶. Foi colocada no parapeito da janela, ficando esta com vidro acidado e luz azulada, de modo a isolar do corredor e criar uma atmosfera mais consentânea com a intenção da peça (Imagem 14).



Imagem 13. Isabel Santa Clara, 2005, "Assim na terra". Escultura em acrílico, 47 x 37,5 x 6,5 cm.

Imagem 14. Isabel Santa Clara, 2005. Colocação definitiva de "Assim na Terra", na janela da capela na Igreja da Nazaré, Funchal.

Antes da colocação final de "Assim na Terra", este objecto foi integrado na exposição colectiva *Sobre pedras, entre muros* numa sala da Universidade da Madeira⁷, com chão de lajes de pedra, onde o tempo deixara marcas/cicatrices, formando diversos padrões. Os sulcos em forma de escada de uma das pedras levaram à colocação da peça (Imagem 15). Realçados com terra avermelhada recolhida em S. Martinho, contrastavam com o lado delicado, transparente, quase imaterial do acrílico e sugeriram o título: "Assim

⁶ A infiltração de elementos da iconografia religiosa é inevitável, dado o contacto, ao longo de anos de investigação sobre o património religioso local.

⁷ Exposição patente, em 2005, na Sala de Exposições da Universidade da Madeira, Pátio dos Estudantes. Cada participante escolhia uma pedra e fazia um trabalho específico para esse lugar.

na terra". Como escrevi então no folheto, "Há lugares para onde basta olhar atentamente e tudo se organiza. Partimos deles para as nossas frágeis construções".



Imagem 15. Isabel Santa Clara, 2005, "Assim na terra". Escultura em acrílico, na exposição *Sobre pedras, entre muros*.

Para a edição de 2011 do projecto *Lonarte*⁸, que consistia na colocação de lonas com obras impressas de diversos autores na marginal da Calheta, fiz uma reflexão sobre a paisagem e os seus sucessivos patamares, do mar à montanha. A verticalidade do suporte e a existência de andares levou à escolha da escada como forma de organização (Imagem 16). Serviu, desta vez, de suporte para a linguagem, acolhendo os nomes usados na vivência quotidiana da ilha da Madeira para designar elementos da paisagem que encontramos num percurso ascensional: a areia dos fundos, o calhau das praias, a rocha das arribas, as casas, os poios que as rodeiam e sobem encosta fora, sustentados por muros de pedra arrumada, a serra, essas montanhas que as nuvens tantas vezes envolvem e, finalmente, o céu.

A partir da exposição *A2V – A duas velocidades*⁹ surgiu uma actualização da aguarela da *Lonarte* (Imagem 17), adoptando uma linguagem técnica para reflectir sobre a experiência da paisagem transformada pelas obras de engenharia das vias rápidas e das reorganizações da orla costeira: os enrocamentos e aterros que se substituem aos calhaus, as marinas e promenades, as rotundas e túneis, os retaludamentos das vertentes e o

⁸ *Lonarte* foi um projecto de arte pública, com coordenação de Luís Guilherme Nóbrega e Patrícia Sumares, lançado pela Câmara Municipal da Calheta em parceria com a Galeria dos Prazeres, em 2010 e 2011. Foram colocadas ao longo da marginal da Calheta (Madeira), em quatro fases sucessivas, lonas com obras impressas de diversos autores.

⁹ Exposição realizada na Casa das Mudanças, Calheta, com curadoria de Duarte Santo e Sílvia Escórcio. A imagem 15, que acompanhava um texto da autora, foi feita para uma publicação que deveria suceder à exposição, mas não chegou a sair.

vigilante radar do Pico de Arieiro a culminar a montanha, perturbando a intersecção da terra com o céu.



Imagem 16. Isabel Santa Clara, 2011. Original para o projecto *Lonarte*, aguarela e carimbos sobre papel, 40 x 9 cm.



Imagem 17. Isabel Santa Clara, 2012. "Outra paisagem".

E depois de muito subir e descer, nas imagens e nas palavras, voltamos a Bachelard, que nos ajuda a dar sentido a tais movimentações:

As palavras — imagino-o muitas vezes — são pequenas casas, com cave e sótão. O senso comum fica no rés-do-chão, sempre pronto para o “comércio exterior”, ao mesmo nível que esse transeunte que nunca é um sonhador. Subir a escada na casa do eu, de degrau em degrau, é abstrair. Descer à cave é sonhar, perder-se nos longos corredores de uma etimologia incerta, procurar nas palavras tesouros impossíveis de encontrar. A vida do poeta é subir e descer nas próprias palavras (BACHELARD, 1961: 174)¹⁰.

Referência bibliográfica:

BACHELARD, Gaston (1961), *La poétique de l'espace*, 3^{ème} Ed., Paris: PUF.

Isabel Santa Clara

Nasceu no Funchal em 1951. Concluiu o curso de pintura na AMBAM, em 1975 e o doutoramento na Universidade da Madeira (UMa) em 2004, com uma tese acerca da pintura maneirista na ilha da Madeira. Lecionou na AMBAM, no Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira e na UMa disciplinas das áreas de artes plásticas, de história da arte e de estudos interartes. É colaboradora do ARTIS (Centro de Investigação do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e do CIERL (Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira). Como artista plástica, expõe desde 1973.

¹⁰ Tradução minha do original francês: “Les mots — je l'imagine souvent — sont de petites maisons, avec cave et grenier. Le sens commun séjourne au rez-de-chaussée, toujours prêt au “commerce extérieur”, de plain-pied avec autrui, ce passant qui n'est jamais un rêveur. Monter l'escalier dans la maison du moi c'est, de degré en degré, abstraire. Descendre à la cave, c'est rêver, c'est se perdre dans les lointains couloirs d'une étymologie incertaine, c'est chercher dans les mots des trésors introuvables. Monter et descendre, dans les mots mêmes, c'est la vie du poète.”